

# UNIDADE 3

## MENSURAÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM

Ao finalizar esta Unidade você deverá ser capaz de:

- ▶ Distinguir a economia em níveis micro e macro.
- ▶ Entender como se formam as curvas de demanda e oferta, no caso de uma economia de concorrência perfeita, e a formação do preço de equilíbrio; e
- ▶ Identificar a formação do monopólio e do oligopólio numa economia de concorrência imperfeita.



## O OBJETIVO DA ANÁLISE ECONÔMICA

Nesta Unidade você vai conhecer como funciona o sistema econômico, seus principais indicadores, como é feita a mensuração das atividades econômicas e, ainda, os aspectos fundamentais da Microeconomia e da Macroeconomia. É importante que, depois de ler esta Unidade, você entenda como funcionam o sistema econômico e uma economia de mercado centralizada. Assim, poderá distinguir as diferenças existentes entre as estruturas de mercado, entender a importância do conceito Produto Interno Bruto e, por fim, conhecer o Índice de Desenvolvimento Humano.

Comumente nós falamos e pensamos em economia com frequência. A economia consiste em milhões de pessoas envolvidas em várias atividades como comprar, vender, trabalhar, contratar, fabricar, produzir, distribuir, alocar etc.

Diariamente, milhões de pessoas participam de milhares de trocas em todos os lugares. Se ocorrem milhares de trocas, é sinal de que milhões de pessoas em algum lugar estão produzindo para milhões de pessoas. O objetivo da análise econômica é explicar o que faz com que a economia mundial e suas diversas partes funcionem do jeito que o fazem.

Veja que, quanto mais aprendemos e analisamos a respeito das relações e do comportamento econômico moderno, maior capacidade temos de direcionar nossas energias para a produção de bens e serviços que venham a proporcionar maior nível de satisfação para toda a sociedade.

Segundo Thompson e Formby (1998), o desafio analítico da economia é enorme e complexo, tendo-se em vista o conjunto de relações e interações que a cada minuto são feitas pelo mundo:

Considere que nos diversos países do mundo as pessoas estão tomando bilhões de decisões entre gastar seu dinheiro com as diferentes coisas de que necessitam e as que desejam. Em toda parte, empresas de todos os tipos e portes estão decidindo a respeito de quanto e quais bens e serviços produzir e que tecnologias e recursos utilizar para ofertá-los. Todos os tipos de agências governamentais e instituições sem fins lucrativos estão coletando impostos e solicitando doações para fornecer bens e serviços ao público e a grupos especiais como os pobres, os idosos e os desempregados (THOMPSON, JR.; FORMBY, 1998, p. 1).

É bom lembrarmos que o grande desafio da análise econômica é dar um sentido, uma lógica a todas essas decisões e, por conseguinte, propiciar o entendimento das consequências no conjunto da economia. A abordagem comumente utilizada pelos analistas para dar sentido a todo esse conjunto de comportamento econômico diário envolve alguns procedimentos como:

**\*Modelo econômico** – modelo que procura representar a realidade econômica de forma simplificada, mediante equações matemáticas, estudando as relações entre as variáveis mais significativas para a análise do fenômeno que está sendo pesquisado. Fonte: Lacombe (2004).

- ▶ tentar descobrir por que os eventos econômicos ocorrem de uma determinada forma;
- ▶ analisar fatos econômicos confiáveis para tentar estabelecer relações de causa e efeito mais ou menos plausíveis;
- ▶ apresentar teorias econômicas formais; e
- ▶ construir **modelos econômicos\***.

Sendo assim, para melhor entendermos e analisarmos o mundo econômico contamos com economistas que buscam simplificar esse mundo real complexo através do uso de modelos. Os economistas empregam modelos (simplificação da realidade) para descrever as relações econômicas. Para isso ocorrer com

seriedade, os estudiosos fazem uso do **método científico**, apresentando suas teorias e seus modelos. Os métodos representam exatamente um caminho que se deve percorrer quando se busca o conhecimento, embora ele, por si só, não garanta que se alcance a verdade. Logo, podemos dizer que o método serve para que o conhecimento seja alcançado já que o conhecimento requer esforço para ser alcançado

Sobre a questão do método na Ciência Econômica, leia os livros *Métodos da Ciência Econômica*, de Gentil Corazza, e *Metodologia da Economia*, de Mark Blaugb.

*Enquanto você está lendo este livro, deve estar pensando: “afinal, o que é esse tal de sistema econômico? Como isso funciona?”*

Conforme chamam a atenção os professores Hall e Lieberman (2003), neste momento, aparentemente íntimo, você está acoplado ao mundo real por caminhos nunca antes imaginados. Por exemplo, para que você possa ler este material, primeiramente foi preciso que os autores escrevessem. Na sequência foi necessário sua motivação e empenho para lê-lo. Outro fator acoplado neste cenário diz respeito à equipe envolvida no processo, tais como o pessoal da adaptação de linguagem, o revisor de português, o diagramador, a comissão editorial, o pessoal da gráfica, da embalagem e a turma da distribuição.


Observe que são diversas pessoas partipantes do processo de criação e distribuição deste livro. Além das pessoas envolvidas, tivemos também incorporado ao processo de produção deste material uma quantidade de papel e tinta, caixas, computadores, impressoras, transporte, combustível etc. Note que estamos falando de um conjunto de pessoas e materiais que estiveram envolvidos na produção do material que está agora em suas mãos, propiciando a você conhecer melhor como funciona o **sistema econômico\***.

Nesse mesmo caminho, observe a cadeira ou banco no qual você está sentado, agora, observe o espaço físico que você se encontra. Veja que, apesar desse isolamento momentâneo em que você se encontra, ao estar folheando este material, você está

**\*Sistema econômico** – sistema de propriedade, de forma de decisão sobre a alocação dos recursos produtivos, de determinação de preços, e demais mecanismos que caracterizam o sistema produtivo de uma sociedade e a distribuição dos produtos pelos agentes econômicos. Fonte: Lacombe (2004).

economicamente ligado a milhares de pessoas por centenas de caminhos que se comunicam através da produção e da distribuição dos produtos e serviços aqui consumidos por você.

*As perguntas que lhe fazemos neste momento são: por que tantos bens e serviços que ora consumimos são produzidos por outras pessoas? Por que somos tão dependentes uns dos outros no que se refere ao bem-estar material? Por que não vivemos como **Robinson Crusóé**?*



Caso não tenha assistido ao filme ainda, procure numa locadora próxima de sua casa. Vale a pena!

As respostas a todas essas indagações dizem respeito ao sistema econômico. Na maioria das vezes, nos apropriamos de coisas que o sistema econômico nos oferece, mas não damos a menor importância sobre como essas coisas chegaram até nós.

Vamos falar do filme para contextualizar o questionamento anterior: o filme de *Robinson Crusóé* (*Las Aventuras de Robinson Crusoe*, México/EUA, 1952), com a direção de Luis Buñuel, observou que enredo se passa em 1659, quando o naufrago inglês Robinson Crusóé vai parar numa ilha tropical aparentemente deserta, na qual luta sozinho para prover sua subsistência até encontrar o nativo a quem batiza de Sexta-Feira. O filme mostra uma realidade onde nossas necessidades materiais podem ser todas produzidas por nós mesmos.

Para pensarmos um pouco mais sobre esse tema, é chegada a hora de aprendermos como a economia serve a bilhões de pessoas, permitindo que sobrevivam e prosperem, apesar dos contratempos da vida atual, que penalizam milhares de pessoas. Não se esqueça que tudo isso se refere ao sistema econômico, sua forma de organizar, produzir e distribuir seus bens e serviços a todos os cidadãos.

## EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS ECONÔMICOS

A evolução dos sistemas econômicos, nesses últimos dez mil anos, foi marcada por duas características norteadoras de todo o processo:

- ▶ **Especialização:** sistema de produção segundo o qual cada indivíduo se concentra em um número limitado de atividades; e
- ▶ **Troca:** dar uma coisa por outra, substituir uma coisa por outra, permutar.

Através da especialização e da troca, as nações puderam dispor de maior produção, e os padrões de vida foram se elevando. Diante disso, todas as nações passaram a aumentar o grau de especializações e de trocas.

As razões pelas quais a especialização e a troca permitem o crescimento da produção podem ser observadas pela capacidade humana de aprender durante a vida. Isto significa que o ser humano possui a capacidade de aprender a fazer coisas durante a vida. Diante disso, a especialização torna-o mais hábil para fazer algumas poucas coisas, em vez de ser amador em várias. Uma outra razão que se justifica é pelo tempo necessário para mudar de uma atividade para outra. Segundo Hall e Liberman (2003, p. 34), “[...] quando as pessoas se especializam e, com isso, passam mais tempo realizando uma só tarefa, há menos perda de tempo decorrente da transição entre as tarefas”. Percebe-se, com isso, uma alteração nos níveis de produtividade dessa economia, levando-a a um crescimento do nível de produção.

Uma forma simples de entendermos e visualizarmos como se organiza a economia, como seus participantes interagem uns com os outros, como os compradores e consumidores se relacionam entre si e com o governo e, ainda, como a economia interna se relaciona com o setor externo, se expressa através do diagrama do fluxo circular ampliado. Veja a Figura 1.

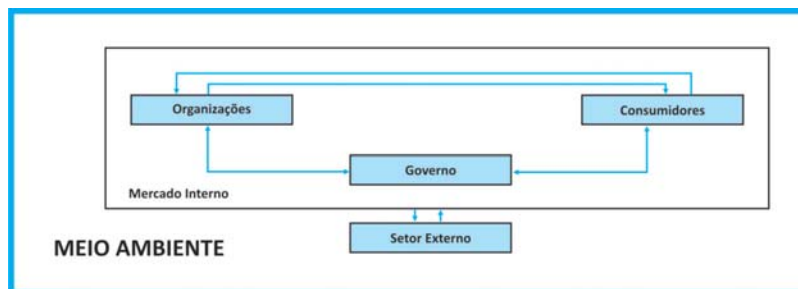


Figura 1: Diagrama do fluxo circular

Fonte: Elaborada pelos autores

Podemos observar que o diagrama do fluxo circular evidencia visualmente as relações econômicas instituídas e facilita o entendimento no que diz respeito ao funcionamento da economia, utilizando as seguintes categorias: produtores (organizações), consumidores (famílias), governo e setor externo.

Verificamos no diagrama do fluxo circular a existência de relações entre os diversos agentes que compõem o mercado interno e também a relação desse mercado com o setor externo. Com a presença de pessoas, empresas (grandes, médias, pequenas, formais e informais) e governos (municipal, estadual e federal), as relações estabelecidas dão sustentação ao mercado. Isto acontece em quase todos os lugares, e uma relação direta e indireta com o meio ambiente acaba sendo processada.

Para pensarmos em produção de bens e serviços precisamos considerar como elemento básico da análise a questão ambiental.

Diante do exposto, podemos dizer que a atual discussão sobre o tema **meio ambiente** e desenvolvimento econômico reflete a relação contrária que se manifesta, por um lado, diante do modelo de desenvolvimento adotado e os impactos provocados ao meio ambiente e, por outro lado, o que esses impactos ambientais podem provocar no modelo de desenvolvimento.



Em suas análises lembre-se sempre da análise do meio ambiente.



*Você sabia que, no sistema econômico, tudo pode e deve ser avaliado monetariamente, de modo que toda a produção de bens e serviços que uma economia produz pode ser transformada em valor, medido pelo dinheiro ou pela moeda? Mas como mensurar as atividades econômicas?*

Mensurar significa quantificar essas relações. Logo quando as atividades econômicas de um país são mensuradas, a sociedade passa a ter mais clareza do seu processo de desenvolvimento econômico. Acompanhe como se desenvolvem o Fluxo Real e o Fluxo Monetário da economia, ilustrados nas Figuras 2 e 3, respectivamente.

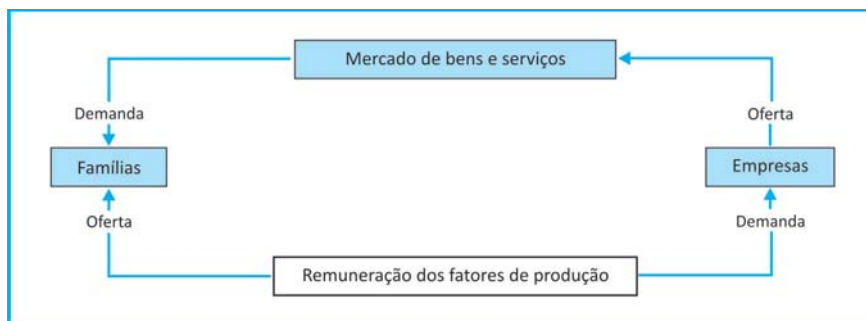


Figura 2: Fluxo real da economia

Fonte: Elaborada pelos autores

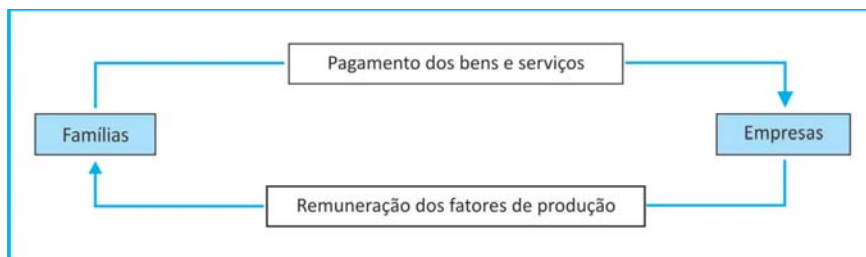


Figura 3: Fluxo monetário da economia

Fonte: Elaborada pelos autores

De acordo com as figuras, note que enquanto o Fluxo Real procura evidenciar as relações de demanda e oferta existentes no mercado de bens e serviços, o Fluxo Monetário deixa claro a relação de pagamentos efetuados no mercado de bens e serviços, e a remuneração dos fatores de produção.

Assim podemos afirmar que o sistema econômico é o conjunto de relações técnicas, básicas e institucionais que caracterizam a organização econômica de uma sociedade. Independentemente do seu tipo, todo sistema econômico deve, de algum modo, desempenhar três funções básicas – básicas em Economia, determinando:

- ▶ **O que produzir e em que quantidade:** precisamos definir entre as possibilidades, o que e qual a quantidade a ser produzida, de modo a satisfazer o mais adequadamente a sociedade;
- ▶ **Como produzir tais bens e serviços:** devemos definir quem vai ser o responsável pela produção, qual a tecnologia a ser empregada, qual o tipo de organização da produção etc.; e
- ▶ **Para quem produzir, ou seja, quem será o consumidor:** devemos definir o público-alvo e as maneiras através das quais o produto deverá atingi-lo.

\***Microeconomia** – preocupa-se com a eficiência na alocação dos fatores de produção, as quantidades de bens e serviços ofertadas e demandadas, os preços absolutos e relativos dos bens e serviços, e a otimização dos recursos orçamentários de cada um dos agentes econômicos. Fonte: Lacombe (2004).

*Mas como as sociedades resolvem os seus problemas econômicos fundamentais: o que e quanto, como e para quem produzir?*

\***Macroeconomia** – estudo do comportamento da economia como um todo, isto é, dos fenômenos econômicos abrangentes, como o nível de preços, a inflação, o desemprego, a política monetária de um país etc. Fonte: Lacombe (2004).

A resposta depende da forma de organização econômica. Cada relação entre esses agentes caracteriza um mercado em particular. No campo da **Microeconomia\***, podemos analisar o mercado de petróleo, de soja, de mão de obra para o setor financeiro etc., enquanto, no campo da **Macroeconomia\***, podemos destacar

o funcionamento do mercado de bens e serviços, mercado de trabalho como um todo, mercado financeiro e mercado cambial.

Note que, no mundo de hoje, entender de economia e compreender como funcionam os mercados, em suas reais dimensões, problemas e implicações em termos de bem-estar social, econômico e político, nos auxilia bastante nas tomadas de decisões. O mercado possibilita enxergar outras variáveis (outras relações) que não se encontram apenas no campo da economia.

Existem duas formas principais de organização econômica:

- ▶ Economia de mercado (ou descentralizada, tipo capitalista); e
- ▶ Economia planificada (ou centralizada, tipo socialista).

Os países organizam-se dessas duas formas ou possuem algum sistema intermediário entre elas.

Outra questão importante, que surge na esfera do estudo econômico, diz respeito às distinções entre as preocupações macro e microeconômicas. Contudo, vale salientar que, embora, aparentemente díspares, ambas tratam do mesmo objeto: o sistema econômico.

Como já vimos, a Microeconomia trata do comportamento das unidades econômicas, enquanto a Macroeconomia aborda o conjunto da economia. Para tanto, sempre são feitas abstrações.

## FUNCIONAMENTO DE UMA ECONOMIA DE MERCADO

Podemos dizer que as economias de mercado podem ser analisadas por dois sistemas:

- ▶ Sistema de concorrência pura (sem interferência do governo); e
- ▶ Sistema de economia mista (com interferência governamental).

Expressão francesa que significa a liberdade de fazer e agir no mercado.



Num sistema de concorrência pura ou perfeitamente competitivo, predomina o *laissez-faire*. Neste tipo de organização milhares de produtores e milhões de consumidores têm condições de resolver os problemas econômicos fundamentais (o que e quanto, como e para quem produzir), como que guiados por uma “mão invisível”. Isso sem a necessidade de intervenção do Estado na atividade econômica.

No contexto discutido, podemos dizer que é a base da filosofia do liberalismo econômico, que advoga a soberania do mercado, sem a intervenção do Estado. Nesse modelo, o Estado deve responsabilizar-se mais com questões como justiça, paz, segurança, relações diplomáticas e deixar o mercado resolver as questões econômicas fundamentais.

Contudo, diante deste sistema econômico, temos algumas críticas. As mais frequentes são:

- ▶ grande simplificação da realidade; e
- ▶ preços nem sempre livres, ao sabor do mercado, em virtude de fatores como:
  - ▶ força dos sindicatos;
  - ▶ poder dos monopólios e oligopólios;
  - ▶ intervenções do governo via: impostos, subsídios, tarifas e preços públicos (água, energia, etc.); política salarial; congelamentos e tabelamentos de preços; e política cambial.

O mercado sozinho não promove perfeita alocação de recursos. Em países mais pobres, que querem se desenvolver, o Estado precisa prover a infraestrutura básica, como estradas, telefonia, siderurgia, portos, usinas hidroelétricas, o que exige altos investimentos, com retornos apenas em longo prazo, afastando o setor privado.


Por pelo menos cem anos, do final do século XVIII, com a **Revolução Industrial**, ao final do século XIX, predominava um sistema de mercado muito próximo da concorrência pura. No século XX, quando se tornou mais presente a força dos sindicatos e dos monopólios e oligopólios, associada a outros fatores, como aumento da especulação financeira e desenvolvimento do comércio internacional, a economia tornou-se mais complexa.

Diante dessa realidade podemos afirmar que a atuação do governo justifica-se com o objetivo de eliminar as chamadas distorções alocativas (isto é, na alocação de recursos) e distributivas, e promover a melhoria do padrão de vida da coletividade. Isso pode se dar das seguintes formas:

- ▶ mercado sozinho não promove perfeita distribuição de renda, pois as empresas estão preocupadas em maximizar seu lucro, e não com questões distributivas;
- ▶ atuação sobre a formação de preços, via impostos, subsídios, tabelamentos e fixação de salário mínimo;
- ▶ fornecimento de serviços públicos; e
- ▶ complemento da iniciativa privada etc.

Temos ainda o sistema de economia centralizada, onde a forma de resolver os problemas econômicos fundamentais é decidida por uma Agência ou Órgão Central de Planejamento, e não pelo mercado.

Os preços são determinados pelo governo, que, normalmente, subsidia fortemente os bens essenciais e taxa os bens considerados supérfluos. Com relação ao lucro, uma parte vai para o governo, outra parte é usada para investimentos nas empresas, dentro das metas estabelecidas pelo próprio governo, e a terceira parte é dividida entre os administradores e os trabalhadores, como prêmio pela eficiência. Se o governo considera que determinada indústria é vital para o país, esse setor será subsidiado, mesmo que apresente ineficiência na produção ou nos prejuízos.



A Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, e encerrou a transição entre feudalismo e capitalismo.

## MERCADO

Todos os dias, você ouve ou lê algo que trata do mercado. Basta abrir os jornais, assistir à televisão ou visitar as ruas de sua cidade. Portanto, não é nada tão distante do seu dia a dia, pelo contrário, é algo que faz parte do seu cotidiano, de sua vida. Pindyck e Rubinfeld (2006) dividem as unidades econômicas em dois grandes grupos, de acordo com sua função: o de compradores e o de vendedores.

Os compradores abrangem os consumidores, aqueles que adquirem bens e serviços, e as empresas que adquirem mão de obra, capital e matérias-primas que utilizam para produzir bens e serviços. Já no que se refere os vendedores, podemos listar as empresas que vendem bens e serviços, além dos trabalhadores que vendem seus serviços e os proprietários de recursos que arrendam terras e comercializam recursos minerais.

### *Mas qual relação destes termos com o termo mercado?*

A relação é direta, uma vez que o mercado consiste num grupo de compradores (lado da procura) e um de vendedores (lado da oferta) de bens, serviços ou recursos, que estabelecem contato e realizam transações entre si. Ou seja, a interação de compradores e vendedores dá origem aos mercados.

O lado dos compradores é constituído tanto de consumidores, que são compradores de bens e serviços, quanto de empresas, que são compradoras de recursos (trabalho, terra, capital e capacidade empresarial) utilizados na produção de bens e serviços; enquanto o lado dos vendedores é constituído pelas empresas, que vendem bens e serviços aos consumidores, e pelos proprietários de recursos (trabalho, terra, capital e capacidade empresarial), que os vendem (ou arrendam) para as empresas em troca de remuneração (salários, aluguéis e lucros).

Nas economias modernas, a maioria das decisões sobre o que e quanto produzir, como produzir e para quem produzir são tomadas nos mercados. Logo, para determinarmos os compradores e vendedores que estão participando do mercado, devemos incorporar a ideia do que seja a extensão do mercado.

Por extensão de mercado, devemos entender os seus limites, tanto geográficos quanto em termos da variedade de produtos que nele são oferecidos. Porém, percebemos que, em algumas situações, o mercado falha nessa tomada de decisões. Quando isso ocorre, é preciso que o Estado intervenha no sentido de ajustar o processo. Assim, podemos afirmar que o mercado é, ao mesmo tempo, o meio mais simples e o mais complexo de **alocação de recursos**.

*Mas você pode estar se perguntando: Que história é essa de meio mais simples e mais complexo de alocação de recursos? O que significa isso?*

Isso significa que, mesmo em situações de livre mercado, há ocasiões em que o mercado não é capaz de fazer de maneira **eficiente\*** o processo de alocação e distribuição dos recursos. Em função desta constatação, mercados não funcionam a contento, contamos com a regulação a fim de proporcionar a eficiência econômica.

*Você já ouviu falar das agências reguladoras no Brasil?*

Essas agências de regulação surgem em função da existência de falhas do mercado. Assim, ao ouvirmos falar em regulação, podemos imaginar formas de contornar essas falhas à luz do modo de produção capitalista, enquanto a desregulamentação significa deixar

Quando alocamos recursos estamos determinando um fim específico a eles.

**\*Eficiência** – pode ser entendida como a capacidade de minimizar o uso de recursos para alcançar as metas definidas, ou seja, é a capacidade de otimizar o uso dos recursos, e seria medida pela relação entre recursos aplicados e o produto final obtido. Fonte: Lacombe (2004).

o mercado solto das amarras da regulação, pois, nestes casos, o mercado é mais eficiente. Por exemplo, temos a Agência Nacional de Energia Elétrica e a Agência Nacional de Telecomunicações, entre outras.

Muitas pessoas pensam que os significados dos termos oferta e demanda são sinônimos na Ciência Econômica. Quando debatem temas como saúde, transportes, pobreza, moradia etc., costumam afirmar que tudo isso se refere apenas à questão de oferta e demanda. Outros, menos informados, costumam ainda usar e abusar dessa afirmação, tornando a oferta e a demanda uma espécie de lei inviolável sobre a qual nada pode ser feito e a partir da qual tudo pode ser explicado.

Tanto a oferta quanto a demanda fazem parte de um modelo econômico criado para explicar como os preços são determinados em um sistema de mercado. Observe que os preços determinam quais famílias ou regiões serão beneficiadas com determinados produtos e serviços, e quais empresas receberão determinados recursos.

Em se tratando de Microeconomia, os economistas recorrem ao conceito de demanda para descrever a quantidade de um bem ou serviço que uma família ou empresa decide comprar a um dado preço. Então, a quantidade demandada de um bem ou serviço refere-se à quantidade desse bem ou serviço que os compradores desejam e podem comprar. Observe, também, que várias questões podem afetar os consumidores na hora da compra, tais como renda, gosto, preço etc.

A Teoria da Demanda deriva de algumas hipóteses sobre a escolha do consumidor entre diversos bens e serviços que um determinado orçamento doméstico permite adquirir. Essa teoria procura explicar o processo de escolha do consumidor diante das diversas possibilidades existentes. Devido à certa limitação orçamentária, o consumidor procura distribuir a renda disponível



entre os diversos bens e serviços, de maneira a alcançar a melhor combinação possível que possa lhe trazer o maior nível de satisfação. A demanda não representa a compra efetiva, mas a intenção de comprar por determinado preço.

Ao analisarmos como funcionam os mercados, percebemos que o preço de um bem ou serviço exerce papel central. Na prática, a quantidade demandada de um bem ou serviço diminui quando o preço aumenta, e aumenta quando o preço diminui. Logo, a quantidade demandada é negativamente relacionada ao preço, como pode ser observado na Figura 4:

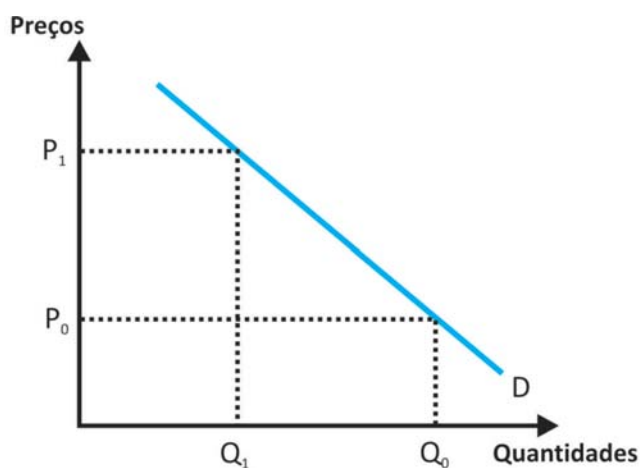


Figura 4: Curva de demanda

Fonte: Elaborada pelos autores

Veja a seguir as variáveis que podem deslocar esta curva da demanda:

- ▶ riqueza (e sua distribuição);
- ▶ renda (e sua distribuição);
- ▶ fatores climáticos e sazonais;
- ▶ propaganda;
- ▶ hábitos;
- ▶ gostos e preferências dos consumidores;

- ▶ expectativas sobre o futuro; e
- ▶ facilidades de crédito (disponibilidade, taxa de juros e prazos).

Agora que você já sabe que a curva da demanda pode sofrer alteração, observe a Figura 5 para verificar como funciona este deslocamento.

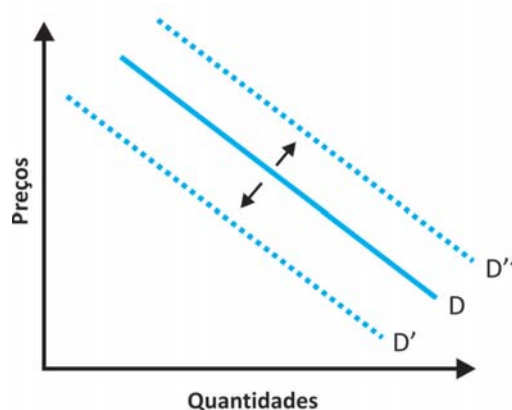


Figura 5: Variações da curva da demanda

Fonte: Elaborada pelos autores

A Teoria da Oferta muda o foco da análise, pois o vendedor vai ao mercado com a meta de obter o maior lucro possível. Neste cenário o vendedor (uma empresa) pode se deparar com uma restrição importante: a produção de bens e serviços requer a utilização de recursos produtivos, e essa quantidade depende do padrão tecnológico utilizado pela firma.

Observe que a tecnologia de produção nos diz o que a empresa pode fazer. Portanto, o padrão tecnológico acaba se tornando um fator restritivo para a empresa poder produzir, além dos preços dos outros **fatores de produção\*** e do próprio preço praticado no mercado.

Assim, podemos definir oferta como sendo a quantidade de um bem ou serviço que os produtores (vendedores) desejam produzir (vender) por unidade de tempo. Observamos que a oferta é um desejo, uma aspiração. Logo, a quantidade ofertada de um bem ou

\***Fatores de produção** – todos os insumos usados para produzir bens e serviços: recursos naturais, informações, energia, capital, trabalho, capacidade empresarial etc. Fonte: Lacombe (2004).

serviço refere-se à quantidade que os vendedores querem e podem vender. Dessa maneira, existe uma associação de comportamento dos preços com o nível de quantidade ofertada, ou seja, a quantidade ofertada aumenta à medida que o preço aumenta e reduz quando o preço se reduz. Logo, a quantidade ofertada está positivamente relacionada com o preço do bem e serviço, como podemos verificar na Figura 6:

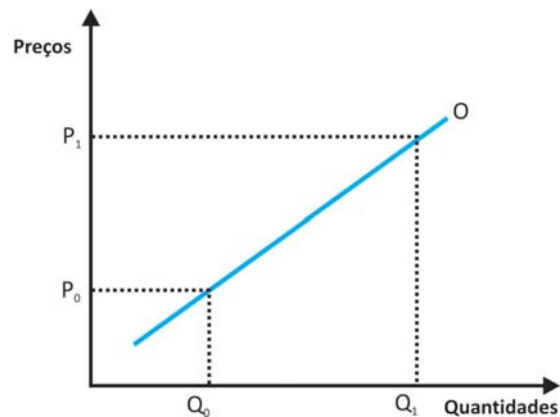


Figura 6: Curva de oferta

Fonte: Elaborada pelos autores

Conheça agora as variáveis que podem deslocar a curva da oferta como um todo:

- ▶ disponibilidade de insumo;
- ▶ tecnologia;
- ▶ expectativa; e
- ▶ número de vendedores.

Veja na Figura 7 este deslocamento que estamos nos referindo.

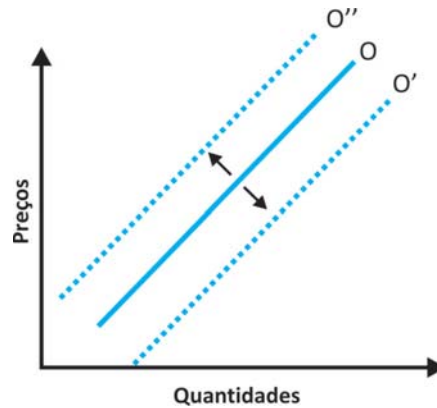


Figura 7: Variações da curva de oferta  
Fonte: Elaborada pelos autores

*Agora você já conhece as mais diferentes condutas dos consumidores (demanda) e dos produtores (oferta) em separado. Vamos combiná-las para, numa interpretação conjunta, identificarmos como se determinam a quantidade e o preço de equilíbrio de um bem ou serviço vendido no mercado?*

Esta intersecção das curvas de oferta e de demanda identifica o ponto em que tanto os consumidores quanto os produtores se encontram satisfeitos e dispostos a agir. É nesse ponto que temos o equilíbrio de mercado, veja na Figura 8.

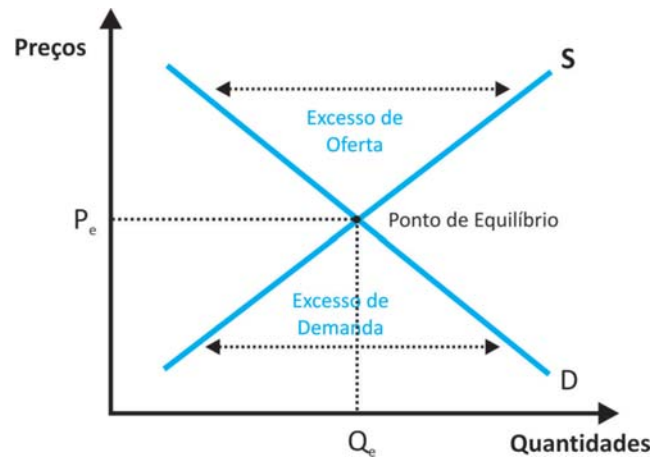


Figura 8: Equilíbrio entre oferta e demanda

Fonte: Elaborada pelos autores

Com base na Figura 8, podemos perceber que em qualquer situação fora do ponto de equilíbrio temos um desequilíbrio. Caso a oferta seja superior à demanda, há excesso de oferta, e caso a demanda seja maior que a oferta, há excesso de demanda. Note que o processo de ajuste ocorre sempre via preços, ou seja, a quantidade ofertada ou demandada é a variável dependente, e os preços, a variável independente.

No contexto discutido, temos uma afirmação-chave: preço e quantidade de equilíbrio dependem da posição das curvas de oferta e demanda. Quando, por algum motivo, uma dessas curvas se desloca, o equilíbrio do mercado muda. Na Teoria Econômica, essa análise é conhecida como estática comparativa, porque envolve a comparação de duas situações estáveis – um equilíbrio inicial e um novo equilíbrio.

*Para uma melhor compreensão dessa sistemática sobre a conduta dos consumidores e produtores, vamos ver agora o conceito de elasticidade. Você sabia que esse conceito é fundamental para analisarmos o mundo em que vivemos?*

\***Elasticidade** – alteração percentual em uma variável em relação à variação percentual em outra.  
Fonte: Lacombe (2004).

Muito bem, a **elasticidade\*** nada mais representa do que uma medida da resposta dos compradores e vendedores às mudanças no preço e na renda.

Aprendemos que o preço do bem se ajusta para conduzir a quantidade ofertada e demandada ao equilíbrio. Então, dessa forma, precisamos ficar atentos para perceber não só a mudança dos preços, mas o quanto eles podem oscilar.

A elasticidade-preço da demanda mede o quanto a demanda reage a uma mudança no preço. A demanda por um bem é considerada elástica se a quantidade demandada responder muito a uma dada variação no preço. Isto significa dizermos que a demanda é muito sensível à mudança de preço. Caso essa resposta seja pequena, a demanda por esse bem é considerada inelástica, ou seja, a demanda é insensível à mudança de preço.

*Você pode estar se perguntando: Como vou saber se a demanda é sensível ou insensível à mudança de preço?*

É simples! Basta dividir a variação percentual da quantidade demandada pela variação percentual do preço. No resultado encontrado, o coeficiente de elasticidade é um número puro, independente de qualquer identificação com a unidade na qual as variáveis foram expressas. O coeficiente da elasticidade-preço da demanda é sempre negativo, uma vez que o preço e a quantidade demandada são inversamente relacionados. Algebricamente a elasticidade pode ser representada como:

$$\epsilon = \frac{\Delta\%Q}{\Delta\%P}$$

$\Delta\%Q$  = variação das quantidades demandadas  
 $\Delta\%P$  = variação dos preços

Conheça agora alguns exemplos de demandas elásticas ou inelásticas.

- ▶ bens com alta elasticidade da demanda (elástica) incluem refeições em restaurantes, veículos automotores, viagem aérea, carne bovina, refrigerante, turismo, manteiga etc.; e
- ▶ bens com baixa elasticidade da demanda (inelástica): aqui temos a insulina, sal, gasolina, petróleo, ovos, leite etc.

Outro ponto a ser destacado é que o aumento na renda do consumidor, normalmente, aumenta a demanda por um bem. Logo, mantendo o preço constante, podemos avaliar a variação na quantidade demandada para uma dada variação na renda. A sensibilidade da quantidade demandada a uma variação na renda do consumidor é chamada de elasticidade-renda da demanda. Se a elasticidade-renda for maior do que zero, o **bem é normal\***, e se for menor do que zero, o **bem é inferior\***.

A elasticidade-renda varia muito de bem para bem e esta variação pode ser expressa algebricamente como sendo:

$$\epsilon = \frac{\Delta\%Q}{\Delta\%R}$$

$\Delta\%R$  = variação na renda do consumidor

$\Delta\%Q$  = variação na quantidade demandada

**\*Bem normal** – aquele cuja quantidade demandada varia proporcionalmente à variação na renda do consumidor. Fonte: Lacombe (2004).

**\*Bem inferior** – bem cuja quantidade demandada varia inversamente ao nível de renda do consumidor. Fonte: Lacombe (2004).

Vejamos aqui alguns exemplos de elasticidade-renda maior que zero (bem normal) e menor que zero (bem inferior):

- ▶ os bens normais têm elasticidade-renda da demanda positiva. Por exemplo, frutas frescas, computadores, viagens aéreas, lazer, carne de soja etc.; e

- ▶ os bens inferiores têm elasticidade-renda negativa. Por exemplo, passagem de ônibus, moradia, carne de segunda, pão, batatas etc.

De modo semelhante à elasticidade-preço-demanda e à elasticidade-renda, temos a elasticidade cruzada da demanda. A elasticidade cruzada da demanda nada mais é que uma medida utilizada para analisar a relação entre os diversos produtos. Entre dois produtos, a elasticidade cruzada da demanda mede a variação percentual na quantidade demandada do bem 1 em resposta a uma dada variação percentual no preço do bem 2.

O coeficiente de elasticidade cruzada pode ser positivo ou negativo. Quando positivo, dizemos que os produtos são substitutos um do outro. Sendo negativo, dizemos que os produtos são complementares.

Conheça alguns exemplos de bens substitutos e complementares de acordo com o Quadro 1.

<b>Bens substitutos</b>	O aumento de um produto não interfere na satisfação do consumidor, que imediatamente tem a possibilidade de substituí-lo por um outro. Exemplo: manteiga e margarina, cinema e locação de fitas de vídeo, carne de frango e carne de vaca, cerveja e refrigerantes.
<b>Bens complementares</b>	O aumento no preço de um deles ocasiona uma redução na quantidade demandada do outro. Exemplo: gasolina e óleo para motor, camisa social e gravata, sapato e meia, pão e margarina, computador e <i>software</i> .

Quadro 1: Exemplos de bens substitutos e bens complementares

Fonte: Elaborado pelos autores



Veja bem: esta abordagem da elasticidade também poder ser utilizada no lado da oferta. A elasticidade-preço da oferta mede o quanto a quantidade ofertada responde à mudança de preço.

A oferta de um bem é chamada de elástica se a quantidade ofertada responde bem a mudanças no preço. Quando essa resposta na quantidade ofertada é pequena às mudanças de preço, dizemos que a oferta é inelástica. Diante disso, podemos afirmar que a elasticidade-preço da oferta depende da flexibilidade que os vendedores (produtores) têm para mudar a quantidade do bem que produzem.

Ao contrário da elasticidade da demanda, a elasticidade-preço da oferta é positiva. Isso ocorre, porque as variações de preço e quantidade se dão no mesmo sentido.

*Você se lembra do professor de Matemática falando de funções crescentes?*

Podemos calcular a elasticidade da oferta dividindo a variação percentual na quantidade ofertada pela variação percentual no preço. Logo, a relação entre o preço de um produto e o volume de vendas é muito importante para as empresas. Isto ocorre porque toda a relação descrita serve de base para a formação da política de preços, estratégia de vendas, atendimento dos objetivos de lucro e participação no mercado. Assim, entender como se comporta a elasticidade torna-se muito importante para o administrador público contemporâneo.

## ESTRUTURA DE MERCADO

Na estrutura de mercado clássica, podemos distinguir dois casos extremos:

- ▶ **Monopólio:** quando uma empresa é a única provedora do produto.
- ▶ **Concorrência perfeita:** quando a dimensão de cada empresa é insignificante em relação às demais empresas.

O termo “concorrência” tem sentido múltiplo. Em economia, acompanhado da palavra “pura”, significa justamente a inexistência de competição, no seu sentido parcial. Em outras palavras, em um mercado no qual vigora a concorrência pura, os competidores não têm rivalidade entre si. Diante desta realidade temos como condições básicas para a existência de concorrência pura:

- ▶ **A homogeneidade do produto:** implica que todos os vendedores de um dado produto vendam unidades homogêneas deste, e os compradores também considerem o produto homogêneo;
- ▶ **A insignificância de cada comprador ou vendedor diante do mercado:** cada comprador e/ou vendedor precisa ser pequeno o suficiente para não ser capaz de influenciar, sozinho, o preço de mercado;
- ▶ **A ausência de restrições artificiais:** é preciso que os preços sejam livres para oscilar de acordo com as exigências de mercado;
- ▶ **A mobilidade:** é necessário que haja mobilidade de bens, serviços e recursos. Novas firmas devem poder entrar sem dificuldade nesse mercado, assim como não deve existir impedimento à saída; e
- ▶ **O pleno conhecimento (atributo da palavra “perfeita”):** a concorrência perfeita incorpora o pleno conhecimento do sistema econômico e de todas as suas inter-relações por parte dos agentes partícipes desse mercado.

\***Monopólio** – forma de organização do mercado em que uma empresa domina com exclusividade em determinada região a oferta de determinado produto ou serviço que não tem substituto próximo. Fonte: Lacombe (2004).

O **monopólio\*** é uma situação de mercado em que uma única firma vende um produto que não tem substitutos próximos.

Uma outra forma: monopólio é uma situação de mercado em que existe um só produtor de um bem (ou serviço) que não tem substitutos próximos. Devido a isso, o monopolista exerce grande influência na determinação do preço a ser cobrado pelo seu produto.

Segundo Vasconcellos (2004), o mercado monopolista se caracteriza por apresentar condições diametralmente opostas às da concorrência perfeita. Nele existem, de um lado, um único empresário (empresa) dominando inteiramente a oferta e, de outro, todos os consumidores. Não há, portanto, concorrência nem produto substituto ou concorrente. Nesse caso, os consumidores se submetem às condições impostas pelo vendedor ou simplesmente deixam de consumir o produto.

### *Mas como saber se o mercado é monopolista?*

Existem algumas teorias básicas do modelo monopolista. Veja algumas delas, a seguir:

- ▶ determinado produto é oferecido por uma única empresa;
- ▶ não tem substitutos próximos para esse produto; e
- ▶ existem obstáculos (barreiras) de novas firmas na indústria (nesse caso, a indústria é composta por uma única empresa).

As dificuldades para as empresas se estabelecerem no mercado, aqui entendidas como barreiras de acesso, podem ocorrer de várias formas. No caso de monopólio puro ou natural, devido à elevada escala de produção requerida, exige-se um grande montante de investimento. Podemos enquadrar nesta situação, por exemplo, refinarias de petróleo, siderurgia etc.

Uma outra forma de empecilho à instalação de novas empresas no mercado imperfeito se dá através das patentes, direito único para produzir um bem. Os laboratórios farmacêuticos,

encarregados da fabricação de medicamentos, valem-se deste instrumento de patentes ou controle de matérias-primas-chave.

Finalmente, há o monopólio estatal ou institucional, protegido pela legislação, normalmente ocorria em setores estratégicos ou de infraestrutura. Até pouco tempo atrás, no nosso país, tínhamos como exemplo as centrais de energia elétrica, telecomunicações etc.

Uma outra estrutura bastante conhecida, nos dias de hoje, no campo da competição imperfeita é o **oligopólio\***. Esse tipo de estrutura normalmente é caracterizada por um pequeno número de empresas que dominam a oferta de mercado. Pode-se caracterizá-la como um mercado em que há um pequeno número de empresas, como a indústria automobilística, ou, então, onde há um grande número de empresas, mas poucas dominam o mercado, como a indústria de bebidas.

O setor produtivo brasileiro é altamente oligopolizado, sendo possível encontrar inúmeros exemplos: montadoras de veículos, setor de cosméticos, indústria de papel, indústria de bebidas, indústria química, indústria farmacêutica etc. O oligopólio pode ser:

- ▶ **Puro:** quando os concorrentes oferecem exatamente os mesmos produtos homogêneos, iguais, substitutos entre si. Temos como exemplo, o cimento, da indústria de cimento; o alumínio, da indústria de alumínio; ou
- ▶ **Diferenciado:** quando o produto não é homogêneo. Por exemplo: indústria automobilística ou de cigarro. Ou seja, embora semelhantes entre si, esses produtos não são idênticos. Por exemplo, o Gol é diferente do Fiat Uno, etc.

O oligopólio apresenta como principal característica o fato de as firmas serem interdependentes. Isso decorre do pequeno número de firmas existentes na indústria, e significa que as firmas levam em consideração e reagem às decisões quanto a preço e produção de outras firmas.

No oligopólio, tanto as quantidades ofertadas quanto os preços são fixados entre as empresas por meio de conluíus ou cartéis.

\***Oligopólio** – forma de organização do mercado em que poucas empresas dominam com exclusividade a oferta de determinado produto ou serviço que não tem substituto próximo.  
Fonte: Lacombe (2004).

O cartel é uma organização (formal ou informal) de produtores dentro de um setor que determina a política de preços para todas as empresas que a ele pertencem. Por exemplo: Cartel da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Este cartel estabelece o preço do petróleo no mercado mundial.

*Será que existe formação de cartel entre os distribuidores de álcool no Brasil? E entre os distribuidores de gasolina? Pense nisso!*

Além dos cartéis, existe um outro modelo de oligopólio, chamado de liderança de preço. Liderança de preço é a forma de conluio imperfeito em que as empresas do setor oligopolístico decidem, sem acordo formal, estabelecer o mesmo preço, aceitando a liderança de preço de uma empresa da indústria.

Esse modelo pressupõe que a liderança decorre do fato de que uma das firmas rivais possui estrutura de custos mais baixos que as demais. Por essa razão, impõe-se como líder do grupo.

Inicialmente, os preços podem ser diferenciados. Entretanto podemos observar que o mercado opta por produtos que estejam sendo oferecidos a preços mais baixos. Assim, restam às empresas que oferecerem o produto a preços mais elevados duas possibilidades: ou mantêm o preço e, como consequência, são banidas do mercado, ou, então, aceitam o preço praticado pela concorrências, que é mais baixo, e continuam no mercado, sem maximizar seus lucros.

Assim é que a firma líder de preço permanece no mercado, através de um acordo tácito (isto é, um acordo não formal), responsável pela determinação do nível de venda do produto, enquanto as firmas menos favorecidas, em termos de preços, tornam-se seguidoras dos preços fixados pela firma líder.

Temos ainda outra estrutura de mercado imperfeito, denominada de concorrência monopolística ou concorrência **monopolista**. Esta forma de mercado tem como característica

Esta estrutura de mercado, mais presente do que você imagina, está em vários setores da economia.

marcante empresas produzindo produtos diferenciados, embora sendo substitutos próximos. Notamos, então, que, na concorrência monopolística, a empresa tem determinado poder sobre a fixação de preços. A diferenciação do produto pode ocorrer por características físicas, de embalagem ou pelo esquema de promoção de vendas. Como exemplo, temos os laboratórios farmacêuticos, as indústrias alimentícias, automobilísticas etc.

A concorrência monopolista é uma estrutura de mercado que contém elementos da concorrência perfeita e do monopólio, ficando em uma situação intermediária entre essas duas formas de organização de mercado. Contudo não se confunde em nada com o oligopólio.

Agora que já conversamos um pouco sobre monopólio vamos conhecer as principais características da concorrência monopolista. São elas:

- ▶ margem de manobra para fixação dos preços não muito ampla, uma vez que existem produtos substitutos no mercado; e
- ▶ número relativamente grande de empresas com certo poder concorrencial, porém com segmentos e produtos diferenciados, seja por características físicas, seja por embalagens ou prestação de serviços complementares (pós-venda).

Observe que diante dessas características acabamos dando um pequeno poder monopolista sobre o preço do produto, embora o mercado seja competitivo – daí o nome de concorrência monopolista.

*Agora que já discutidos os principais aspectos ligados à Microeconomia, vamos passar à Macroeconomia? Você está pronto?*

No início do século XXI, a abordagem dos economistas tem-se dirigido à Nova Economia, à tecnologia da informação, ao ajuste externo e interno, à globalização dos mercados etc. Assistimos às evidências do impacto dessas mudanças no nosso dia a dia, às vezes, sem nos preocuparmos muito com as consequências. Por isso, separamos algumas indagações:

- ▶ Quais são exatamente os efeitos dessas mudanças?
- ▶ Como elas podem afetar os padrões de vida e a taxa de crescimento da economia?
- ▶ Como estas mudanças na economia atingem o emprego e o desemprego, os preços e o equilíbrio do balanço de pagamentos?
- ▶ Por que razão as rendas são atualmente mais elevadas do que em 1970 e por que, em 1970, eram mais altas do que tinham sido em 1930?
- ▶ Quais as causas da recessão e da depressão, e como as políticas públicas podem evitá-las?

Todas as questões levantadas anteriormente estão no campo da Macroeconomia. Agora não estamos mais preocupados em compreender ou discutir as unidades de forma isolada. Estamos, sim, analisando algo sobre a economia como um todo: o sistema econômico completo (agregado). Ou seja, é na Macroeconomia que notamos os pontos principais da análise do equilíbrio parcial e geral, levando em conta a busca do pleno emprego.

*Mas se a Macroeconomia se preocupa com a situação de pleno emprego, como podemos explicar taxas tão elevadas de desemprego no Brasil e no mundo?*

Várias são as explicações para a questão do desemprego. Em muitos casos, a razão é atribuída ao próprio indivíduo, por não estar preparado para as exigências do mercado de trabalho ou por não aceitar reduções salariais. Mas na verdade, trata-se da “dança

das cadeiras”, conforme argumentou Souza (2000). Será que, por mais preparado que o indivíduo esteja, haverá local para ele sentar-se? Do ponto de vista individual, estar melhor preparado significa a possibilidade de primeiro sentar-se na cadeira.

Contudo, neste cenário precisamos considerar a questão na totalidade, ou seja, se a economia não é capaz de gerar cadeiras suficientes, inevitavelmente, pessoas ficarão de pé, por mais preparadas que estejam. Bem, mas aí temos algumas argumentações como, por exemplo, é a inovação tecnológica que destrói as cadeiras existentes na economia; o trabalho humano passa a ser substituído por máquinas.

*Estaríamos vivendo a época do fim do emprego, ou seja, nada podemos fazer, e o desemprego é algo inevitável?*

Novamente, ao observarmos a questão do ponto de vista individual, a inovação tecnológica causa desemprego. Contudo, ao mesmo tempo em que destrói, cria novos produtos, empresas, atividades econômicas e empregos. Em outras palavras, a inovação tecnológica, embora modifique o nível de emprego, não determina, *a priori*, seu resultado. Generalizando, os vários argumentos, tais como rigidez no mercado de trabalho, altos encargos trabalhistas, salários nominais rígidos etc., são facilmente refutáveis e não determinam, a princípio, o nível de emprego.

O que queremos argumentar é que estar ou não empregado não é uma mera escolha individual. O aumento do nível de emprego ocorre quando a taxa de expansão da economia supera o aumento da produtividade do trabalho (que significa um mesmo indivíduo passar a produzir mais no mesmo espaço de tempo, fruto de inovações tecnológicas).

Simplificando, podemos dizer que o aumento da produtividade dispensa cadeiras. Logo, o crescimento econômico deve ser capaz de gerar cadeiras suficientes para compensar as perdas e ainda absorver os jovens ingressantes no mercado de



trabalho. Contudo deparamo-nos, então, com duas variáveis que, de fato, determinam, *a priori*, a quantidade de cadeiras existentes na economia: o crescimento econômico e a produtividade do trabalho.

*Mas você sabe quem são os “atores” que decidem sobre essas variáveis?*

Como afirmamos, a inovação tecnológica, a princípio, não determina o nível de emprego. Essa é apenas uma faceta menos grave do problema. A outra é a questão do crescimento econômico. Vamos considerar como dada a variável produtividade. Caso não houvesse um crescimento da economia suficiente para absorver os entrantes no mercado de trabalho, inevitavelmente teríamos desemprego, pois não haveria emprego para os novos profissionais.

Dessa forma, a questão agora é entender o porquê de taxas tão medíocres de crescimento, como, por exemplo, o da economia brasileira, principalmente nos anos 1990. Agora, trata-se de uma escolha, principalmente, política. Em suma, a verdadeira explicação para o desemprego é justamente a estagnação do crescimento econômico.

Os conceitos mais abrangentes de política são úteis para definirmos política econômica, dado que esta não pode ser vista como um conjunto de procedimentos estanques e isolados. A política econômica abrange uma das partes integrantes da política pública. Situa-se no campo da Economia Normativa, por se sustentar não apenas no conhecimento positivo da Economia, mas também em juízos de valor, decorrentes de posições filosóficas e culturais assumidas pelos formuladores.

Para ser direto, podemos resumir os objetivos da política econômica em quatro, a saber:

- ▶ crescimento da produção e do emprego;
- ▶ controle da inflação;

Foi justamente nesta década em que assistimos a uma das maiores taxas de desemprego de nossa história.

- ▶ equilíbrio nas contas externas; e
- ▶ melhor distribuição da renda gerada no país.

Observe que os objetivos de política econômica são amplos. Segundo Lanzana (2002), “[...] é preciso ter consciência de que os objetivos de política econômica não são independentes, sendo, no mais das vezes, conflitantes”.

O crescimento econômico é expresso usualmente por intermédio do acompanhamento de algumas variáveis, traduzidas em indicadores. As análises macroeconômicas tomaram impulso com o desenvolvimento da chamada contabilidade nacional, ou seja, de um instrumental capaz de mensurar a totalidade das atividades econômicas praticadas em um determinado período de tempo. O crescimento econômico está entre as **metas\*** dos formuladores da política econômica e refere-se à expansão da produção do país, uma quantidade maior de bens e serviços à disposição da sociedade.

O **Sistema de Contas Nacionais\***, tal como é empregado no Brasil e no resto do mundo, deve-se aos trabalhos de vários economistas que se dedicaram à tarefa de homogeneizar a linguagem e definiram as principais variáveis como: consumo, investimento, renda, poupança, produto interno e nacional.

Se observarmos o comportamento da economia de um determinado país, facilmente notaremos que as atividades econômicas oscilam com o decorrer do tempo. Para medir as oscilações referidas, entre os vários tipos de indicadores, um dos mais representativos desta performance é o **Produto Interno Bruto (PIB)\***, calculado trimestralmente e que deve ser acompanhado com atenção. O PIB faz uma radiografia de toda a atividade econômica.

Existem três formas de medir a atividade econômica de um país: a ótica da produção, que é o próprio conceito de PIB; a ótica da renda, que se refere à remuneração dos fatores que participam do processo de produção como salários, juros, aluguéis e lucro; e a ótica da despesa, que se refere aos agentes que compram a

\***Meta** – está normalmente vinculada a uma data e geralmente se caracteriza por meio de realizações específicas e mensuráveis, isto é, quantificáveis. Fonte: Lacombe (2004).

\***Sistema de Contas Nacionais** – segue o Manual de Contas Nacionais das Nações Unidas com o objetivo de evidenciar o processo produtivo e de melhor descrever todos os fluxos entre os agentes econômicos que ocorrem em uma economia. Fonte: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2009.

\***Produto Interno Bruto** – refere-se ao valor de mercado de todos os bens finais e serviços produzidos pelos residentes de um país em determinado período. Fonte: Lacombe (2004).

produção – como as famílias, o investimento das empresas, os gastos do governo e as exportações e importações.

Hipoteticamente, podemos dizer que, se a produção de bens e serviços de um país cresce mais rapidamente que a taxa de crescimento da população, em média, a produção por pessoa deve aumentar. Contudo, lembre-se de que o que importa para as pessoas é o valor real da moeda, traduzido no poder de compra da sua renda (salários, juros e aluguéis). Onde estiver ocorrendo um processo de mudança de preços (inflação ou deflação), vamos falar em **PIB** real. Portanto, o PIB real deve ser compreendido como uma medida de produto que leva em conta as alterações dos preços e não pode ser desprezada.

Se dividirmos o PIB pela população residente no país, temos a renda per capita.

### Mas o que determina o crescimento?

Como já explicitado, a variação do PIB é a medida do crescimento econômico. Assim, precisamos saber quais são os componentes do PIB para saber o que realmente determina o crescimento econômico de um país.

Separamos para você uma equação que representa os condicionantes do crescimento econômico. Veja a Figura 9.

$$\text{PIB} = \text{Consumo das famílias} + \text{Gasto do governo} + \text{Investimento das empresas} + \text{Exportação líquida}$$

Figura 9: Condicionantes do crescimento econômico

Fonte: Elaborada pelos autores

Vamos analisar, agora, cada um dos componentes separadamente.

- ▶ **Consumo das famílias:** ao se apropriarem de suas rendas, as famílias destinam uma parte ao consumo de bens e serviços. Quanto mais as famílias consumirem, mais as empresas terão que produzir para suprir as demandas por bens e serviços das pessoas.

Vale ressaltar que famílias de baixa renda tendem a consumir proporcionalmente mais de suas rendas, pois não adquiriram todos os bens de que necessitam. Destaca-se, então, a importância de uma distribuição de renda equitativa no país, pois famílias de baixa renda consomem pouco e, caso tenham incrementos em seus ganhos, passarão a consumir mais, impulsionando o crescimento econômico.

- ▶ **Investimento das empresas:** é uma das mais importantes variáveis para o crescimento de um país. Ao investirem, as firmas elevam os níveis de emprego, produto e renda. As indústrias, na maioria das vezes, não possuem recursos suficientes para realizar seus planos de investimento e, com isso, precisam recorrer a empréstimos junto às instituições financeiras, pagando uma determinada taxa de juros pelo dinheiro que tomam emprestado. Ao fazerem seus planos de investimento, as empresas calculam, aproximadamente, a rentabilidade que tal investimento vai lhes proporcionar. Caso a lucratividade do investimento seja maior que os juros que deverão ser pagos pelo financiamento, a empresa realizará seus planos; caso contrário, tal investimento tornará inviável. Portanto, para que exista um nível de investimento elevado na economia, é necessário que se mantenha a taxa de juros baixa.
- ▶ **Gasto público:** ao fazer obras, construir, operar suas estatais etc., o governo está empregando mais pessoas, expandindo o nível de emprego e, ao mesmo tempo, dando condições para que as empresas produzam mais. Assim, ao comprar e produzir mais, o governo causa uma elevação da produção e do nível de emprego, e aumenta o nível de renda da economia.
- ▶ **Exportação líquida:** são as exportações menos as importações realizadas por um determinado país. Quanto maior o saldo, maiores o nível de emprego e o

crescimento econômico, já que a produção deve aumentar; quanto menor o saldo, menor o nível de emprego, pois produtos que eram produzidos aqui passam a ser comprados do exterior, piorando a produção da economia. É óbvio que nenhum país fica sem comprar e vender para o exterior, mas o ideal é aumentar o nível de exportações e diminuir o de importações. O Sistema de Contas Nacionais e a consequente mensuração dos agregados possibilitam uma avaliação quantitativa do produto que uma economia pode ser capaz de gerar num determinado período de tempo. Tal medida vem sendo considerada um importante indicador de desempenho econômico e mostra a capacidade de geração de renda das economias. Portanto, quando o objetivo da política econômica for de crescimento econômico, automaticamente se estará procurando expandir o nível de produção e, conseqüentemente, o nível de emprego da economia.

A mensuração das variáveis econômicas possibilita a avaliação quantitativa do produto que uma economia torna capaz de gerar num determinado período de tempo. Tal medida é considerada um importante indicador de desempenho econômico e identifica a capacidade de geração de renda da economia. Entretanto, se nos preocuparmos com a qualidade de vida da população iremos ver que o produto agregado será inadequado.

Na avaliação da qualidade de vida da população, é necessário considerarmos não apenas os aspectos econômicos, mas também aqueles ligados à oferta de bens públicos, como saúde e educação, que acabam afetando diretamente o nosso bem-estar. A utilização de indicadores sociais parte da avaliação da riqueza de uma região e insere-se na discussão entre crescimento e desenvolvimento econômico.

A preocupação com o bem-estar da sociedade nos remete ao confronto de dois importantes conceitos: **crescimento econômico\*** versus **desenvolvimento econômico\***. É possível observarmos nas sociedades em fase de desenvolvimento ou

**\*Crescimento econômico** – aumento real, de longo prazo, do produto nacional do país ou da região. Fonte: Lacombe (2004).

**\*Desenvolvimento econômico** – processo de melhorar o nível de vida e o bem-estar de uma população por meio do aumento da sua renda *per capita*. Fonte: Lacombe (2004).

subdesenvolvidas a ocorrência de crescimento sem desenvolvimento. Contudo, se o crescimento for muito concentrado, ou seja, mal distribuído, a maior parte da população não se beneficiará da elevação da renda gerada na economia.

Vale a pena observar que uma das formas de avaliar o desenvolvimento é acompanhar a evolução de alguns indicadores relativos à saúde e à educação, porque seu comportamento fornece uma boa aproximação do que está ocorrendo com a qualidade de vida da população.

Algumas instituições internacionais, como o Banco Mundial e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), vêm divulgando sistematicamente dados como os de expectativas de vida, mortalidade infantil, condições sanitárias, nível e qualidade da educação do país.

Tais estatísticas, além de permitirem avaliar a qualidade de vida de um país, possibilitam comparações entre os países e fornecem uma ideia mais precisa do que vem a ser caracterizado como um país desenvolvido. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), publicado nos Relatórios do PNUD, tem como objetivo avaliar a qualidade de vida nos países. O PNUD calcula o IDH desde o início dos anos 1990 e, atualmente, o estima para muitos outros países.

O IDH agrega em sua metodologia de cálculo três variáveis:

- ▶ **Indicador de renda:** é a renda *per capita*, ajustada para refletir a paridade do poder de compra (PPP) entre os países (portanto, renda avaliada em US\$ PPP);
- ▶ **Indicador das condições de saúde:** é a expectativa de vida (índice de longevidade); e
- ▶ **Indicador das condições de educação:** é uma média ponderada de outros dois indicadores, a taxa de alfabetização de adultos e a taxa combinada de matrícula nos Ensinos Fundamental, Médio e Superior.

Por fim é importante destacarmos que o IDH varia de zero a um, permitindo classificar os países em três grupos distintos:

- ▶ baixo desenvolvimento, quando o IDH for menor ou igual a 0,5;
- ▶ médio desenvolvimento, quando o IDH estiver entre 0,5 e 0,8; e
- ▶ alto desenvolvimento, quando o IDH for maior que 0,8.

### Complementando.....

Amplie seu conhecimento através das indicações a seguir:

- 📌 Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – onde você tem informações sobre como é calculado o PIB no Brasil e sua evolução durante os últimos anos. Para verificar consulte o *site*: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> .
- 📌 Portal Ideadata – é uma base de dados macroeconômicos, financeiros e regionais do Brasil que oferece também catálogo de séries e fontes, dicionário de conceitos econômicos, histórico das alterações da moeda nacional e dicas sobre métodos e fontes utilizadas. Para conhecer acesse: <<http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?65370046>> .
- 📌 Portal Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) – aqui é possível conhecer mais sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e sua evolução nos principais países. Para tanto acesse: <<http://www.pnud.org.br/home/>> e <<http://www.pnud.org.br/idh/>> .

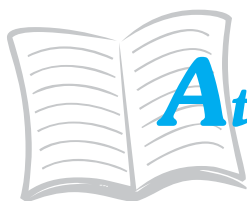
# Resumindo



Esperamos que você, na presente Unidade, tenha entendido pelo lado da Microeconomia como se formam as curvas de demanda e oferta, no caso de uma economia em regime de concorrência perfeita, bem como a formação do preço de equilíbrio, com destaques para os excessos de procura e oferta, e os conceitos de bens elásticos e inelásticos; e no caso de uma economia em regime de concorrência imperfeita, o monopólio e o oligopólio.

Na Macroeconomia, centramos a atenção na formação das políticas econômicas, com vistas ao crescimento da produção, controle da inflação, equilíbrio das contas externas e melhor distribuição da renda gerada no país.





## Atividades de aprendizagem

Chegamos ao final da Unidade 3, onde mensuramos a atividade econômica. Esses conhecimentos são importantes para o bom entendimento das estruturas de mercado e da importância do Produto Interno Bruto. Caso tenha ficado alguma dúvida em algo que lhe foi apresentado, volte, releia e, se necessário, entre em contato com seu tutor para esclarecer.

1. Que problemas microeconômicos e macroeconômicos têm sido destacados pelos noticiários nos últimos dias?
2. O turismo pode ser considerado um bem supérfluo? Justifique sua resposta.
3. Escreva um texto sobre o significado de monopólio, apresente mais exemplos dessa estrutura de mercado e discuta as implicações para o desenvolvimento de uma região, com destaque para a sua.
4. Explique o significado de oligopólio e de concorrência monopolística.
5. Discuta as características do mercado do principal produto comercializado em sua região.
6. Quais são a elasticidade-preço e a elasticidade-renda desse produto? Elástico ou inelástico? Explique a sua resposta.
7. Identifique alguns aspectos do crescimento econômico na sua cidade, região e Estado.